



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Córrego Sujo**

código  
**AV - F11 - SJVRP**

localização  
**Estrada do Córrego Sujo, s/nº - Córrego Sujo**

município  
**São José do Vale do Rio Preto**

época de construção  
**1902 (segundo o inventário da FUNDREM)**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**fazenda de café / sem utilização**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Corrego Sujo, fachada principal

coordenador / data  
equipe

**Francyla Bousquet – ago 2009**  
**Máisa Péres e Priscila Oliveira**

revisão  
**Coordenação técnica**  
**do projeto**

Rumo a São José do Vale do Rio Preto, a primeira sinalização indicativa a ser observada para se chegar à Fazenda do Córrego Sujo (identificada no levantamento da FUNDREM<sup>1</sup> como Fazenda Boa União) é a placa informando a entrada para a Fazenda São Judas Tadeu, afixada em poste de iluminação, na margem esquerda da RJ-134 (f01).

Seguindo por esse caminho num trecho de forte declive, alcança-se a ponte de concreto que passa sobre o Rio Preto. Dobra-se à esquerda, e logo à frente, novamente à esquerda, depara-se com uma ponte de madeira vermelha. Ao final dessa passagem, encontra-se, à esquerda, um pontilhão azul pelo qual se tem acesso à Fazenda São Judas Tadeu. Toma-se então à direita, em direção à igreja de Córrego Sujo, a Capela de Nossa Senhora de Lourdes. Ao avistar a capela, localizada à esquerda, dobra-se à direita, passando novamente por uma outra ponte de concreto. A partir desse ponto, segue-se em frente, até avistar a porteira da fazenda, à direita (f02).

O caminho tortuoso e a localização distante da estrada aumentam a surpresa ao se vislumbrar a bela arquitetura alva dessa sede, imersa em um ambiente absolutamente verde, o que torna sua visão singular em meio ao contexto rural onde está inserida (f03).



01



02



03

<sup>1</sup> Inventário dos Bens Culturais do Município de Petrópolis – 2º ao 6º distrito – realizado na década de 1980 pela Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro / FUNDREM

Não há calçamento ou vestígios de estrada a partir do portão da fazenda, mas apenas um caminho marcado pela passagem de carros. Ao final desse percurso, chega-se à sede, cujo acesso se dá através de portão de ferro ladeado por um muro contínuo de pedra. Na verdade, este muro que contorna a edificação constitui-se num arrimo que delimita o platô sobre o qual o imóvel foi construído, localizado num nível de terreno mais elevado em relação à área circundante (f04).

A paisagem que se descortina no entorno imediato é belíssima – são 360° de morros arborizados, que alternam vegetação rasteira com arbustiva e muitas árvores. Em determinados ângulos, tem-se a impressão de que os vãos da construção emolduram intencionalmente a bela paisagem (f05).

A sede é a única edificação antiga do conjunto que hoje lá sem encontra. As demais construções são contemporâneas e se destinam a abrigar a casa dos caseiros e uma garagem (f06).



04



05



06

No entanto, é possível identificar ruínas de estruturas em pedra no entorno próximo da casa, como os dois tanques de porte médio, localizados logo à frente da construção (f07), o pequeno tanque de pedra, situado mais ao fundo (f08), além de pedras espalhadas pelo terreno da propriedade, junto ao limite principal e à fachada posterior (f09 e f10). Esses indícios sinalizam uma estrutura complementar antiga que cercava a sede. Corre na lateral direita do atual limite da propriedade um pequeno riacho, que forma um açude (f11), este já localizado no interior da fazenda vizinha. No entanto, considerando que essas terras devem ter sofrido desmembramentos como todas as grandes propriedades de então, supõe-se que estas águas deveriam pertencer à antiga Fazenda Córrego Sujo. Na lateral esquerda, existe um pomar de jabuticabeiras, formando uma pequena alameda que conduz ao fundo do terreno (f12).



07



08



09



10



11

A arquitetura da sede, de inspiração eclética, apresenta porão alto parcialmente utilizável, e corpo da edificação com envasaduras esbeltas e sequenciadas, ornadas com sobrevergas decoradas (f13). As vedações dos vãos das janelas são em folhas duplas, externamente, em venezianas, e internamente, em guilhotinas de caixilharia de vidro (f14). As portas externas são em folhas duplas almofadadas, com exceção das portas da fachada posterior, que são em reguado de madeira, tipologia simplificada coerente com a importância secundária do acesso (f15). Hoje, as aberturas do porão encontram-se sem esquadrias (f16).



12



14



13



15



16

A entrada principal da antiga residência é feita através de lance de escadas em pedra, com montantes de arranque também em pedra, hoje, sem guarda-corpo (f17), que dão acesso ao alpendre. Este é parcialmente protegido com guarda-corpo em alvenaria e com proteção de ferro batido, convivência que causa estranheza, principalmente, considerando que há sinais de esquadrias nos vãos formados com alvenaria. São indícios de uma vedação eficiente, junto a uma proteção apenas de segurança, que não impediria a entrada de chuvas, por exemplo. Além disso, causam um desconforto visual as diferenças de altura existentes entre ambas (f18).

As características formais do alpendre, que se projeta à frente da fachada, ressaltado ao fundo pela presença de um frontão trabalhado em volutas centralizando a platibanda do corpo principal, contribuem para dar uma movimentação inusitada à mesma. Por outro lado, este alpendre interrompe, ainda que de forma harmoniosa, o ritmo estabelecido pelas aberturas de seus vãos.

Apresenta, na sua composição, platibanda com elementos de gosto neoclássicos (f19) – balaústres decorados, vasos, cimalkas frisadas e pequenas mísulas –, que chega à empena principal como se tivesse sido acrescida e não como se fosse parte dela originalmente. Isto porque seus elementos se tocam, mas não se integram, como é comum ver em estruturas como estas, em edificações que guardam esta mesma linguagem (f20).

Finalizando o acabamento da fachada, está a platibanda do corpo da edificação, que exhibe pequenos requadros com florão central, separados por montantes de alvenaria de baixa estatura (f21).





18



19



20



21

Essa platibanda prossegue com a sua função original, contornando e escondendo a cobertura e dando acabamento às fachadas frontal e laterais, produzindo, no entanto, um efeito fora do comum na fachada posterior, uma vez que deixa exposto este trecho de telhado (f22).

Mais curioso ainda é o arremate que foi executado para finalizá-lo, que cai sobre o telhado, cujo beiral prolongado rebaixa a altura das vergas dos vãos dessa parede em relação às demais aberturas.

Essa diferença de tratamentos de altura das aberturas (especialmente porque a uniformidade é uma das características marcantes dessas arquiteturas) leva a crer que houve algum tipo de intervenção na edificação que não ficou suficientemente clara após a análise das imagens de levantamento. A ruptura de arremates deu-se de forma bastante acentuada, mesmo se tratando de fachadas que geram expectativas diversas – recepção e serviço.

Essa suposta intervenção também é percebida na parte interna, na transição entre as áreas social e de serviço, que ocorre de forma abrupta, em linha (ver prancha 2/2). Não há também uma marcação de instalações de equipamentos de cozinha, como pia ou fogão (f23). Além disso, há um desnível, nos dois acessos à parte de serviço, com mudança drástica de piso – de tabuado estreito de madeira enquadrado em tabeiras (opção mais requintada) a tijoleira (f24 e 25), este último, revestimento que, no século XX, seria comumente substituído pelo ladrilho hidráulico.



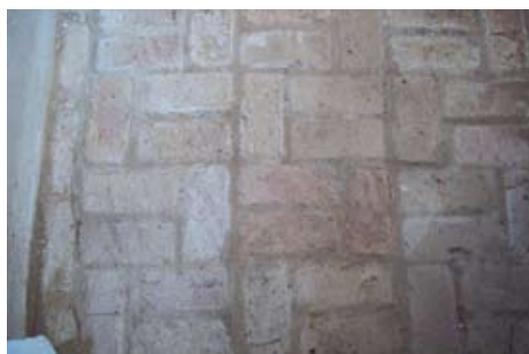
22



23



24



25

As esquadrias internas repetem a tipologia externa. A única que destoa desse padrão é a porta do acesso principal à capela (f26), com verga em arco pleno e folhas duplas, almofadadas e com frisos dourados. Na verdade, trata-se de um altar suspenso por tablado escalonado de madeira (f27 e f28), executado em madeira pintada e douramento de detalhes e ornatos. Capta a atenção o detalhe que decora a parte frontal da mesa do altar, a versão cristã do “olho da providência”, símbolo que tem outras interpretações na religiosidade egípcia (o olho que tudo vê) e na alquimia (f29), e que foi encontrado também no oratório da capela da Fazenda Valverde, nessa mesma região.



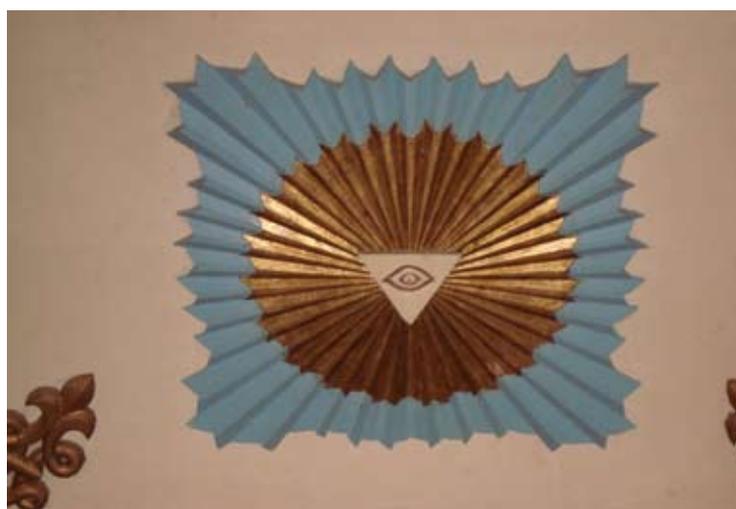
26



27



28



29

Os forros, em madeira, são em tabuado aplicado em saia-e-camisa, com arremate periférico em frisos de madeira, formando caixotões nos cômodos de maior dimensão (f30). A variação ocorre no *hall* de entrada, onde, além desses arremates, há um respiro rendilhado (f31).

A casa, hoje, está vazia, em processo de reforma. Durante o levantamento, as alvenarias internas já estavam emassadas (f32), preparadas para a repintura das paredes. No entanto, foi possível verificar, sob a camada de massa, pintura mural floral (f33) e faixas decoradas (f34), executadas na técnica de estêncil, decoração típica dos séculos XIX/XX.

A estrutura da construção é possível de ser visualizada no porão. Pilares internos de tijolos maciços se solidarizam na estrutura do pavimento superior com as paredes periféricas de pedra de mão (f35). Generosos barrotes, apoiados nessa estrutura primária, formam a malha de suporte das alvenarias e pisos internos. Os óculos percebidos na fachada principal, internamente se revelam de formato quadrado, executados em trecho de alvenaria mista, de pedra de mão com tijolos maciços (f36).

Os materiais, arremates e decorações encontrados nessa sede de fazenda, aliados ao partido de suas fachadas, a colocam em uma categoria de refinamento pouco comum no município onde se localiza.



30



31



32



33



34



35



36

Em função da reforma em curso, na data da realização deste inventário, o estado de conservação da edificação já se encontrava bem melhor do que foi atestado quando na ocasião do levantamento da FUNDREM (1982), que o classificou como ruim.

Alguns problemas ainda permanecem, como o ataque de cupins – patologia corriqueira na região, fundamentalmente atribuída à utilização de madeira macia (na maioria das vezes, o pinho-de-riga) – e o escurecimento das fachadas, devido às intempéries.

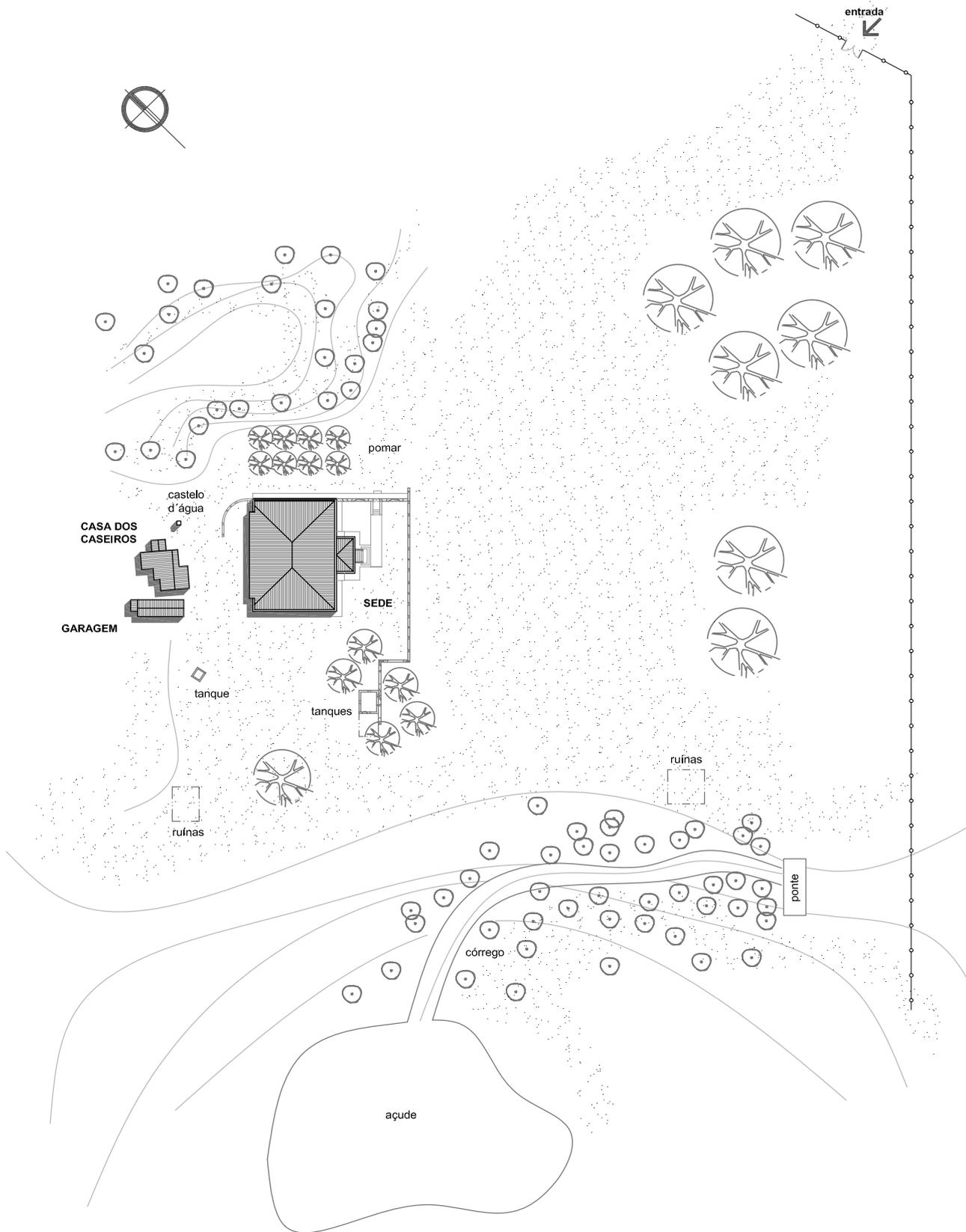
Observa-se também que os ambientes estão sendo dotados de infraestrutura, como o aumento de tomadas, a julgar pelos rasgos nas paredes para passagem de instalações (f37).

É com pesar que se constata o recobrimento das pinturas murais remanescentes por acabamento monocromático. No entanto, considera-se que esta opção pode funcionar como uma solução protetiva, tendo em vista que a decoração original ficará resguardada sob o recobrimento aplicado.

O corte das paredes para se embutir as instalações elétricas também não é grave, uma vez que as pinturas parietais não são consideradas pinturas artísticas, mas de reprodução e, portanto, podem facilmente ser, a qualquer tempo, recompostas por profissional especializado.



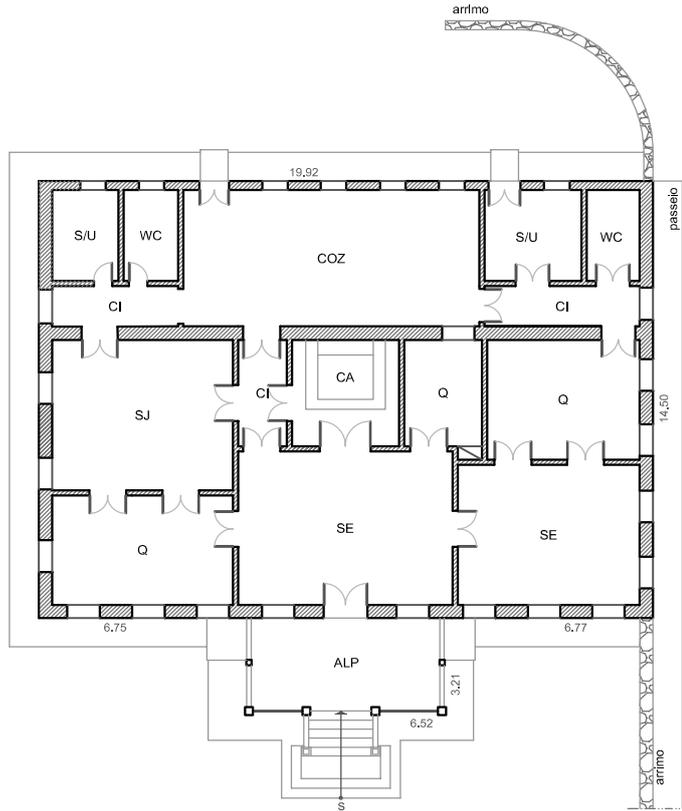
# FAZENDA CÓRREGO SUJO



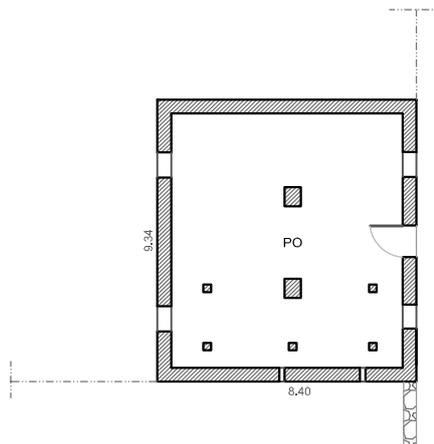
**1** Croqui Implantação  
escala: 1/1000



**FAZENDA CÓRREGO SUJO**



**2** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/250



**1** Planta Baixa da Sede - Porão  
escala: 1/250



ALP - alpendre      COZ - cozinha      SE - sala de estar      S/U - sem utilização  
CI - circulação      Q - quarto      SJ - sala de jantar      WC - banheiro

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

